



SETEMBRO NOS REÚNE: IMAGINÁRIO URBANO NA CRÔNICA DE JOSÉ MENDONÇA TELES

Ana Clara Marques de Lacerda ¹

Anna Lígia Alves Coelho ²

Aline de Fátima Marques ³

RESUMO

O presente estudo analisa o livro “Setembro nos reúne” (1982), de José Mendonça Teles, como um projeto literário que articula memória, espaço e resistência no contexto da modernização de Goiânia. A partir das crônicas reunidas na obra, investiga-se de que modo o autor transforma o cotidiano urbano em narrativa sensível, convertendo a cidade em texto e o texto em território de memória. O objetivo central é compreender como a escrita crônica ressignifica o espaço citadino e preserva o imaginário urbano ameaçado pelo discurso do progresso. A análise, de caráter qualitativo e interpretativo, apoia-se em autores como Sandra Jatahy Pesavento, Márcia Metran de Mello, Renato Cordeiro Gomes, Raquel Rolnik e Moema de Castro e Silva Olival, cujas reflexões sobre cidade, memória e imaginário urbano fundamentam a leitura proposta. O estudo evidencia que Teles constrói, em sua prosa, três dimensões simbólicas da capital goiana (a cidade-memória, a cidade-em-travessia e a cidade-imaginada), revelando o entrelaçamento entre tempo, espaço e afeto. Conclui-se que o livro ultrapassa o registro memorialístico, configurando-se como uma cartografia literária da capital, na qual a crônica opera como gesto de resistência simbólica e reinscrição do passado na experiência presente.

Palavras-chave: Imaginário Urbano, Memória, Identidade.

ABSTRACT

This study analyzes “Setembro nos reúne” (1982), by José Mendonça Teles, as a literary project that intertwines memory, space, and resistance within the context of Goiânia’s modernization. Based on the collection of chronicles in the book, it investigates how the author transforms urban everyday life into a sensitive narrative, turning the city into text and the text into a territory of memory. The main objective is to understand how Teles’s chronicle writing re-signifies urban space and preserves the city’s imaginary threatened by the discourse of progress. The qualitative and interpretative analysis is grounded in the works of Sandra Jatahy Pesavento, Márcia Metran de Mello, Renato Cordeiro Gomes, Raquel Rolnik, and Moema de Castro e Silva Olival, whose reflections on city, memory, and urban imaginary provide the theoretical framework. The study shows that Teles constructs, through his prose, three symbolic dimensions of the capital city (the city of memory, the city in transition, and the imagined city) revealing the interweaving of time, space, and affection. It concludes that the book goes beyond a mere memorial record, establishing itself as a literary cartography of Goiânia, in which the chronicle acts as a gesture of symbolic resistance and reinscription of the past within present experience.

Keywords: Urban Imaginary, Memory, Identity.

¹ Mestranda em Geografia pela Universidade Federal de Goiás - GO, ana_lacerda@discente.ufg.br;

² Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Goiás - GO, annaligia@discente.ufg.br;

³ Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Jataí - GO - UFJ, ma.alinemarques@gmail.com.



INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe estabelecer uma relação entre literatura e imaginário urbano, tendo como fio condutor as crônicas reunidas no livro “Setembro nos Reúne” (1982), de José Mendonça Teles (1936-2018). O livro assume um papel essencial na preservação e reconstrução simbólica da cidade de Goiânia, capturando, por meio da linguagem literária, fragmentos da urbe que recebeu a “vacina do progresso” (Teles, 1982, p. 51). Nas palavras de Márcia Metran de Mello (2006, p. 74), “as crônicas têm o que desvendar sobre Goiânia e o imaginário que a referencia”, ou seja, a prosa cronística de Teles funciona como dispositivo de resistência à efemeridade do tempo, revelando as múltiplas camadas de uma cidade que, segundo Sandra Jatahy Pesavento (2004, p. 27), se comporta como um palimpsesto: uma superfície de sobreposições, onde o passado se inscreve sob as marcas do presente.

Ainda que não seja projetada como estilo textual afiliado ao “gênero maior” (Candido, 1992, p. 13), enquanto manifestação literária, a crônica “está presente na vida da nova capital de Goiás desde os seus primórdios e mantém-se como expressão cultural prestigiada até os dias de hoje” (Mello, 2006, p. 66). Como observa a crítica literária, Moema de Castro e Silva Olival (2002, p. 133), à medida que Goiás adentrava os parâmetros da modernidade e a comunicação se expandia, intensificou-se também a prática da crônica literária, gênero que encontrou espaço privilegiado nos jornais goianos, acompanhando as transformações culturais e urbanas da região. Ou seja, se por um lado, esta não se glorifica pela linguagem rebuscada ou pretensões estéticas elevadas, por outro, é justamente nesta simplicidade e na atenção ao cotidiano que reside sua força.

Ao tratar sobre a voz cronística dos jornais de Goiânia, Olival (2002, p. 145) frisa o dever da crônica como mediadora de uma “condição de leitura leve, mas substanciosa, enquanto texto que distrai, mas instrui, informa, critica, interage em relação à realidade circundante, alimenta o espírito, sedimenta a cultura, enriquece o cotidiano”. A autora reconhece, portanto, o gênero como espaço dialógico entre a simplicidade da vida comum e a densidade da experiência humana, neste ponto se inscreve a leitura de Antônio Candido, ao afirmar que reside na natureza sensível e despretensiosa da crônica o potencial de recuperar “profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada, embora discreta, candidata à perfeição” (1992, p. 89).

A prolífica produção do jornalista nascido em Hidrolândia (Goiás) e radicado desde a infância no bairro de Campinas revela um acervo robusto, no qual se enredam uma série de transformações que moldam o espaço citadino. Segundo Olival, (2002, p. 189), esses dois



redutos, a cidade da meninice e a Campininha, constituem, na obra de Teles, uma mesma célula dinâmica do progresso da região Centro-Oeste. Com obras como “Setembro nos reúne” (1982), “Em defesa de Goiânia” (1988), “Atlético, sentimento e glória” (1995), “Crônicas da Campininha” (1996) e “Crônicas de Goiânia” (1996), o autor converge àquilo de que diz Raquel Rolnik (2004, p. 18), ao enfatizar que a cidade seria uma espécie de imenso alfabeto, com o qual se montam e desmontam palavras e frases. Isto é, Teles atua como leitor e escritor da cidade, um corpo que sente o espaço, decifra e reescreve Goiânia por meio da linguagem, em sua própria definição (Teles, 2010, p. 22): “tudo se transforma nas letras desse reinventor da vida. O cronista é um homem comum, que tem o dom de ver o cotidiano com os olhos da emoção”.

Bacharel em direito pela Universidade Católica de Goiás, José Mendonça Teles é reconhecido pelas múltiplas facetas de sua produção intelectual - historiador, poeta, contista, ensaísta, dicionarista e jornalista, mas sobretudo, por ser um “cronista da saudade”. Em sua escrita, restitui a memória de uma Goiânia de outros tempos, a cidade de outrora (do afeto) e a cidade do agora (do progresso). Tratam-se de “crônicas que imortalizam logradouros públicos, quando o cronista não se limita a registrá-los, mas dá-lhes alma e perfil-cidadão” (Olival, 2002, p. 193). Conforme sublinha Renato Cordeiro Gomes (1994, p. 35), “a cidade aparece como o lugar por excelência onde se sentem, de forma mais agudizada, as consequências do desenvolvimento do sistema capitalista e da Revolução Industrial”, dessa forma, a nostalgia que reveste várias das páginas da obra aqui analisada é sintomática dessa “impossibilidade de repetir o passado e a compulsão à repetição” (Gomes, 1994, p. 44).

Cada crônica reflete o olhar sensível sobre o espaço urbano, revelando o que se esconde sob o aparente cotidiano. A escrita restitui significados àquilo que o progresso tende a apagar: os vínculos afetivos, as memórias de infância, os personagens anônimos e os cenários em transformação. Ao narrar as ruas, praças e igrejas da capital, o cronista transforma a urbe em texto, reconstituindo o imaginário goianiense a partir das vozes e lembranças que habitam o tempo. Nesse movimento, Teles compartilha do mesmo sentimento que, segundo Jatahy (1996, p. 9) permeia cronistas que o antecederam, os quais lamentavam “a perda da calma passada, das velhas ruas onde as “comadres” nas janelas controlavam o ir e vir”, contemporâneos do decorrer do novo século em que “carros e gentes povoaram as ruas num bulício de ruídos variados, configurando um novo cenário”.

Trata-se, portanto, de um lamento cujo histórico é extenso. Teles retoma em suas narrativas esse desconforto diante da modernização e a nostalgia por uma cidade que se desfaz sob o peso do progresso. Esse aspecto se sobressai ao considerar que na década de



1980, período que o livro é publicado, Goiânia consolidava seu crescimento e enfrentava os efeitos da modernização acelerada. Ao se debruçar sobre a construção da capital, Mello ressalta que a cidade em formação era percebida como resultado de um ato de violência (2006, p. 33), uma vez que seu surgimento trazia um conteúdo simbólico voltado à ideia de desenvolvimento e progresso (2006, p. 31).

A leitura de “Setembro nos reúne” tem como esteio conceitual os trabalhos de Sandra Jatahy Pesavento (1996, 2004, 2008), Márcia Metran de Mello (2006), Renato Cordeiro Gomes (1994), Raquel Rolnik (2004), Angelita Lima e Eguimar Felício Chaveiro (2016), cujos referenciais teóricos refletem sobre o papel da memória, do espaço, da cidade e do imaginário na constituição desta, além da análise da crônica goiana por Moema de Castro e Silva Olival (2002). Dessa forma, este trabalho tem como objetivo geral analisar como as crônicas de José Mendonça Teles na referida obra contribuem para a construção e preservação do imaginário urbano de Goiânia. Ademais, serão examinadas as representações da cidade presentes nas crônicas e a relevância da literatura como forma de resistência simbólica ao esquecimento urbano.

Metodologicamente, a pesquisa se desenvolve a partir de uma análise qualitativa e interpretativa das crônicas que compõem o livro, com ênfase naquelas que abordam diretamente a questão da memória e da identidade urbana. Por fim, nas considerações finais, busca-se evidenciar como a escrita de José Mendonça Teles contribui para a compreensão da cidade como uma construção afetiva, revelando a potência da literatura em resgatar o passado e reconfigurar o presente urbano. O estudo propõe uma leitura que ultrapassa o âmbito estético, reconhecendo na crônica um gesto de resistência e de reinscrição da memória coletiva nos espaços da cidade.

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter interpretativo, o estudo volta-se à compreensão da cidade como construção afetiva mediada pela literatura. O trabalho tem como corpus o livro “Setembro nos reúne”, de José Mendonça Teles, composto por 25 crônicas que versam sobre temáticas diversas as quais compartilham o elo da memória e do cotidiano ao registrar de forma poética as transformações da capital goiana entre as décadas de 1960 e 1980. O recorte adotado privilegia textos que abordam de modo mais direto o tema da memória e da identidade urbana, permitindo identificar como o autor reelabora, ao longo das páginas, o imaginário de Goiânia.



O percurso metodológico baseou-se em três eixos principais. O primeiro consistiu na leitura integral e seleção das crônicas mais representativas para a discussão proposta, observando os elementos espaciais, temporais e simbólicos presentes na narrativa. Em seguida, foi realizada a análise teórico-conceitual das obras de referência, especialmente Sandra Jatahy Pesavento, Márcia Metran de Mello e Moema de Castro e Silva Olival, cujas reflexões sobre memória, imaginário, crônica em Goiás e cidade fundamentam a interpretação do corpus. Por fim, realizou-se a análise literária propriamente dita, articulando o texto de Teles às categorias conceituais da pesquisa, de modo a compreender como o autor constrói uma representação da cidade ancorada no afeto, na lembrança e na experiência urbana.

A CIDADE COMO TEXTO: O ESPAÇO LITERÁRIO E O IMAGINÁRIO DA JOVEM CAPITAL

A cidade, uma vez transposta para o texto literário, deixa de ser apenas cenário e torna-se expressão da experiência humana no espaço. Nesse sentido se dá o que Lima e Chaveiro pontuam ao justificar que “a pessoa humana confirma sua existência ao espacializar sua experiência, ao eleger/situar seu estar em algum lugar do mundo” (2016, p. 52). Ainda dentro dessa perspectiva, Rolnik salienta que “além de continente das experiências humanas, a cidade é também um registro, uma escrita, materialização de sua própria história” (2004, p. 9). Assim, entende-se que a urbe, quando representada pela literatura, converte-se em um território de inscrições múltiplas onde se entrelaçam vivências, memórias e afetos.

A importância do espaço - e de suas categorias de análise como o lugar - na constituição dos imaginários, na delimitação de fronteiras territoriais, no modo como as diversas identidades estabelecem vínculos com o mundo, no processo social de subjetivação e enfrentamento de conflitos econômicos e políticos deve ultrapassar a situação de um palco. (Lima, Chaveiro, 2016, p. 52)

Em Mello, essa relevância adquire uma dimensão ainda mais expressiva quando observada sob o prisma da capital goiana. A autora observa que “cidades experimentais como Goiânia, inventadas pelas demandas que emergiram no início do século XX, merecem atenção redobrada” (Mello, 2006, p. 18). Isto em razão dessas cidades serem desencadeadoras de “um processo rico em significações, particular e próprio das circunstâncias que viabilizaram suas existências” (Mello, 2006, p. 18). Por conseguinte, se a crônica é um texto que “a partir da própria etimologia da palavra, guarda a ideia de tempo em seu seio” (Lopez, 1992, p. 166), “Setembro nos reúne” instaura um tempo da memória, propõe um diálogo sensível entre o



passado e o presente da cidade, registrando na linguagem o movimento contínuo de transformação urbana.

Nas páginas do livro, o tempo se desdobra: a Goiânia de ontem e a de hoje coexistem, sobrepostas como camadas de um mesmo palimpsesto. Assim, o cronista, que é nada menos do que um narrador que compõe as narrativas ao mesmo tempo em que é composto por elas (Lima, Chaveiro, 2016, p. 59), faz da palavra um instrumento de preservação da memória e de reconstrução da identidade urbana. Em consonância com essa dimensão mnemônica, Pesavento (1996, p. 8) defende que as ruas constituem parte da própria memória do mundo, tendo em vista que abrigam “tanto os grandes acontecimentos como os pequenos incidentes do cotidiano”. Essas ruas que atuaram como fonte de inspiração dos “registradores do fugaz” (Pesavento, 1996, p. 10), são expressões da urbe, ou, segundo Mello (2006, p. 28), discursos da cidade que “lidos em sua arquitetura, em seu traçado ou na literatura, são veículos pelos quais o imaginário urbano pode aflorar”.

Além do próprio espaço se encarregar de narrar parte de sua história (Rolnik, 2004, p. 9), ele também conta com aqueles que leem a escrita da cidade e a cidade como escrita (Gomes, 1994, p. 16). Como lembra Pesavento (2008, p. 4), “a cidade é detentora de uma comunidade simbólica de sentidos, a qual recebe o nome de identidade”. Essa identidade urbana se manifesta tanto na materialidade das ruas quanto nas tramas imaginárias que nelas se desenham. Nessa perspectiva, o que Mello (2006, p. 29) aponta - a fusão entre o real e o imaginário, que se atraem e se dispersam no ritmo imprevisível da vida urbana - reforça a noção de que a cidade é, ao mesmo tempo, texto e tessitura: um corpo vivo em que o espaço, a memória e a experiência se entrelaçam na construção contínua de seu sentido.

TEMPO DE JABUTICABA E LAMA: A GOIÂNIA DAS MEMÓRIAS PERDIDAS

“Ser goiano é carregar uma tristeza telúrica num coração aberto de sorrisos”, é assim que José Mendonça Teles abre o tratado que diz do “ser goiano” (1998). Em seu “Setembro nos reúne” é possível especular um pouco daquilo que pode ser o embrião dessa tristeza telúrica que brota no coração sorridente do goiano. O autor detalha, na crônica homônima que abre o livro, a reputação de quem vive desejoso de “conviver com coisas antigas” (1982, p. 21), sentimento que povoa sobretudo os poetas, pois segundo Teles, estes sabem “sentir todo o encantamento e a doçura de estar em lugares onde o passado é força viva e nos induz a viver” (1982, p. 23).

O cronista, em suas próprias palavras, se coloca como “testemunha ocular de um pouco da história de Goiânia” - em seguida, situa sua data de chegada na cidade: 1948 (Teles, 1982,



p. 83). As crônicas do livro recobrem o período de 1961 a 1981 - vinte anos de observação do cotidiano goianiense, intervalo este em que o autor registra mudanças físicas e estéticas na paisagem goianiense, e documenta também o espírito daquele tempo, mudança de hábitos, ritmos e afetos urbanos. Folheando as páginas do livro saltam trechos e elementos como o fogão caipira - “daqueles de chapa de quatro bocas, lenha e calor” (Teles, 1982, p. 51), a lamparina e até mesmo fugas em carros de boi (Teles, 1982, p. 91). Descreve tradições dos Congregados Marianos da Igreja de Nossa Senhora da Conceição do bairro de Campinas, relembra tipos que frequentavam o Café Central e diversos nomes de locais, instituições e personalidades - do Grupo Liceano de Artes, apresentações no Jôquei Clube, os tempos de Escola Técnica de Comércio de Campinas aos embates de Atlético versus Goiânia.

Essa dimensão multifacetada da crônica de Teles é salientada por Olival (2002, p. 196), ao destacar que:

Nesta simbiose de estruturas e referências tecidas no poético, referências históricas, sociais, políticas, filosóficas, as crônicas de José Mendonça Teles são esplêndida fonte paradigmática para o estudo da História de Goiás e de sua Literatura. Pensamos até que a leitura de suas crônicas deveria ser matéria complementar nos cursos de primeiro e segundo graus, porque, junto com a dimensão literária do gênero crônica, instala-se a visão crítica, histórica, social e cívica da dinâmica de uma cidade emergente. Mais do que o registro de uma máquina fotográfica, elas trazem o fluxo cinematográfico interativo de uma caminhada urbanístico-cultural, envolvendo cidade e cidadão. (Olival, 2002, p. 196)

Mas “o tempo passou” diante dos olhos do saudoso cronista e “o Goiás com 'y' no meio deu lugar a essa explosão desenvolvimentista que vivemos dia-a-dia” (Teles, 1982, p. 78). As lembranças do autor evocam aspectos intangíveis e afetivos da experiência urbana daquela jovem capital: um “melancólico vazio” assolando o local onde havia a “velha e tradicional Igreja de Campinas” (1982, p. 75), uma “simbiose de estrelas, sonhos e saudade” (1982, p. 68), e até mesmo manifestações de ordem mágica ou sobrenatural. Na crônica “O Natal de Raimunda”, de 1978, por exemplo, o autor descreve uma Goiânia habitada por duendes que vagam pelas ruas, revelando a atmosfera idílica e quase mítica com que o escritor reconstrói a cidade de seu tempo.

A noite tinha o cheiro de enxurrada descendo pelas ladeiras do sonho. A rua parecia um presépio onde os postes enfileirados no meio, e os frondosos fícus nas laterais, formavam a ornamentação natural da noite que emergia cheia de passos e duendes. [...] Quando regressamos não havia mais estrela indicando o regresso. Ouviam-se apenas os passos de duendes pelas ruas da memória. Um menino que dormia encostado no poste da infância reforçava a existência do Natal. (Teles, 1982, p. 71-72)



Essa Goiânia de cheiros, cores e sons é reinventada pelo olhar do cronista como um espaço vivo, no qual o cotidiano se confunde com o extraordinário, o tempo parece suspenso e o real se deixa atravessar por lampejos de sonho e poesia. Contudo, além do tom saudosista e elogioso ao passado, a narrativa ganha contornos ora sombrios, ora esperançosos ao abordar o porvir. Em “Natal ou Ano Novo”, de 1980, Teles confessa ao leitor que também foi atravessado pelo progresso - “após chegar ao ponto de passar insensível pelo Natal e emocionar-me somente no Ano Novo é sinal de que sofri uma transformação radical (1982, p. 51).

A “avalanche de pensamentos” que o assola durante a chegada do novo ano sinaliza as incertezas do amanhã - “presságios, lembranças de amigos e parentes que morreram, medo do futuro, receio de que alguma coisa maléfica possa acontecer com minha família, medo de catástrofe” (Teles, 1982, p. 52). Nesse emaranhado de emoções, o escritor revela como o avanço do tempo e do progresso não apenas transforma a cidade, mas também ressignifica sua própria sensibilidade, entre o ontem idealizado e os dias vindouros que o inquietam. Contudo, há também esperança, na crônica de 1961 - “A Igreja Demolida”, ele prospecta que “há de surgir entre os meninos de agora um cronista que também, saudoso como eu, há de contar a sua história” (1982, p. 76), indicando que a memória e o afeto pela cidade podem perpetuar-se, atravessando gerações.

Já em ritmo de despedida, nas últimas páginas da obra o cronista dá sua sentença fatal, o autor se declara novamente “testemunha ocular”, espectador “de todo esse processo que está fazendo de Goiânia uma cidade sem memória” (1982, p. 123). Em sua Goiânia de pedras e palavras, Márcia Metran de Mello sinaliza aquilo que Teles burila especialmente em crônicas como “O Natal de Raimunda” ou “A Igreja Demolida” - trata-se de um movimento de retorno ao passado no qual “se busca uma Goiânia que pode ser alcançada apenas por meio da memória” (1982, p. 191). Há ainda uma acentuação dos sentimentos que permeiam esse imaginário - “na cidade do passado, os sentimentos eram mais intensos e sinceros” (Mello, 2006, p. 190), evidentes a seguir:

Campinas era uma silhueta de casas sobrepostas fraternalmente umas às outras, naquele tempo de jabuticaba e lama. A miséria não tinha a forma de agora: se resumia na humildade que estampam as casas numa solidariedade que se ia da cozinha aos botequins de esquina (Teles, 1982, p. 71)

É nítido, portanto, que as crônicas de Teles capturam um mosaico diverso de Goiânia, uma narrativa que transita entre as memórias afetivas do hidrolandense, e que resgatam a



essência de uma cidade simbólica e material. Denota-se que a Goiânia que dava vazão ao “reclamos do desenvolvimento” na década de 70, sofre de uma descaracterização não somente do espaço, mas também de uma sensibilidade e afeto próprios daquela cidade, marcada nos versos do poeta por um ritmo de vida mais contemplativo. Essa urbe da proximidade, dos laços humanos e conexão emocional com os lugares, foi maculada diante dos olhos do cronista por uma urbanidade pragmática:

Quando foi isso mesmo? O tempo passou. A pequena igreja de Campinas foi derrubada. Puseram outra do tamanho da praça no lugar. O Colégio Santa Clara perdeu a santidade e as meninas internas voaram nas asas de uma geração. A cidade cresceu, massificou-se. Os congregados marianos casaram-se com as filhas-de-maria e os 50 mil habitantes de meu tempo deu nisso aí: 800 mil bocas querendo comer, numa cidade sufocada por pressões econômicas por todos os lados. (Teles, 1982, p. 60)

Desta forma, através da saudade que Teles transpõe das teclas da Olivetti para o papel visualizamos as facetas desta cidade que é “palimpsesto de formas, que remetem à imagem arcaica do tecido ou trama na qual se superpõem várias camadas, mais ou menos aparentes, se não invisíveis de todo” (Pesavento, 2004, p. 27), uma forma de reencontrar a Goiânia do passado, “a partir de traços que nos permitirão fazê-las despertar” (Pesavento, 2004, p. 28).

A CIDADE DE ONTEM: MEMÓRIA, IDENTIDADE E IMAGINÁRIO URBANO EM GOIÂNIA

Ao adentrar o universo enredado entre as crônicas de José Mendonça Teles, é possível perceber como o imaginário urbano de Goiânia está ancorado em espaços simbólicos e vivências que transcendem o tempo. O tom adotado na obra e inclusive a escolha do título podem ser sondados a partir da perspectiva de Pesavento (2008, p. 3) ao destacar que “todos nós, que vivemos em cidades, temos nelas pontos de ancoragem da memória: lugares em que nos reconhecemos, em que vivemos experiências do cotidiano ou situações excepcionais”. A máxima da autora encontra eco na narrativa de Teles, seja na Campininha de antigamente, na Praça da Bandeira ou mesmo no folclore em torno de personagens típicas do cenário daquela época, personagens como a “Maria Louca” ou a senhora conhecida unicamente por “Seu marido morreu”, frequentadora assídua do Café Central.

A “Maria Louca” se imbrica de tal forma com a cidade que Mello chega a descrevê-la como “uma personagem do cenário déco” (2006, p. 66). Assim como em “Seu Marido Morreu”, não se tem notícias de seu destino: ambas parecem esquecidas. No entanto, a figura de Maria, eternizada na crônica de Teles, ocupa o centro de uma noite marcada pela



“atmosfera de sonho, infância, estrelas e história”: é ela quem dá à luz, na noite de Natal, a um menino sobre a “relva ao verde” da Praça Cívica (1982, p. 68). Imersa na “santa loucura de ser mãe” (Teles, 1982, p. 68), Maria encarna para o autor exatamente o oposto do que Mello sugere, longe de ser esquecida ou relegada aos confins da memória sob o codinome “nojo” (2006, p. 66), sua presença persiste viva na memória afetiva do autor.

Na prosa do cronista, a A Praça Cívica poderia ser medida pelo “tamanho colorido de um sonho”, nos bancos desta praça “os casais juravam que o tempo do amor era eterno e que a noite não mudava de cor enquanto o verde tiver gosto de infância”, ela também era abrigo para “os vagabundos que dormiam com os olhos estatelados nas estrelas” (Teles, 1982, p. 67). Essa descrição evidencia que a dimensão da experiência humana se delineia pelas vivências, afetos e memórias que os indivíduos constroem. Conforme aponta a reflexão de Chaveiro e Lima (2016, p. 52), “uma abordagem [...] fora das experiências existenciais do sujeito, pode olvidar as tramas do afeto, dos sentimentos, das significações”.

De acordo com Mello (2006, p. 74), o imaginário urbano goianiense, desvelado pelo olhar cronista que vive as transformações da capital goiana, poderia ser condensado na figura do homem que perdeu sua “identidade, a humanidade e a inteireza do ser”, por isso a Goiânia do passado opera como refúgio para o cronista que tal como Teles transborda o pesar de um tempo regado pelo louvor das lembranças. Nesse sentido, Pesavento alerta que o crescimento urbano pode funcionar como um movimento centrífugo, ameaçando a memória ao produzir o esquecimento e destruir significados (2008, p. 6). Essa tensão circulante na obra de Teles, convida ao retorno à essência de uma cidade que, nas palavras do poeta: perdeu tudo aquilo que se enraizava durante a infância e aventura-se ao ponto de perder suas raízes (Teles, 1982, p. 123).

Goiânia cresceu, virou moça, foi deflorada e hoje é frequentadora assídua dos inúmeros motéis que proliferam na sua periferia. E a gente, adulta, vai observando toda a descaracterização da cidade de ontem com lágrimas nos olhos e no coração. (Teles, 1982, p. 123)

A perda das raízes, que aponta Teles, ultrapassa o sentido geográfico, arquitetônico ou físico, é para o escritor algo de natureza profundamente afetiva. Em seus textos, o autor retorna à Hidrolândia de sua infância como um refúgio simbólico diante da descaracterização de Goiânia. Alega, ao final do livro, na parte intitulada “recados” (destinada a uma série de personalidades goianas), num tom de conversa com a endereçada à mensagem - Marietta Telles Machado: “Romãozinho pode ter desaparecido de Goiânia, do Brasil e quem sabe até de Paris, mas lá em Hidrolândia ele continua mais vivo do que nunca” (Teles, 1982, p. 115). Isto posto, o cronista, mais uma vez, reafirma a sobrevivência da memória no território do



imaginário. Empreende em cada crônica a tentativa de reformular as origens de um sujeito urbano que se reconhece em um passado rural.

Não sei se é porque nasci em Hidrolândia, cidadezinha encravada entre Pouso Alto e Campinas do antigamente, onde o monjolo, a tapera, a chuva, o amanhecer e o anoitecer, o João-de-Barro, a urutu, o buriti, a chuva, o desafio, o mutirão, a bóia, o carro-de-bois, o peão, são palavras mágicas que se eternizam na memória do menino grande. Carrego-as comigo. Em toda a minha existência há sempre um monjolo gemendo magoado [...]. (Teles, 1982, p. 127)

Ao evocar “o Bar Marabá, o Brasserie, o vai-e-vem da Goiás, as matinês do Jockey Clube” (1982, p. 117), Teles reanima espaços de convivência, os quais, como reitera Pesavento (2008, p. 3), justamente por serem carregados de significado, conferem a cada cidade um caráter próprio, transformando-a em um território urbano qualificado que integra uma comunidade simbólica de sentidos denominada imaginário. Para a autora, esses espaços vão além da simples dimensão física: são territórios apropriados socialmente e, sobretudo, lugares dotados de uma carga simbólica que os distingue e os identifica (2008, p. 3). São fragmentos da cidade de outrora que resistem, sustentando a identidade de um cronista que testemunha o desaparecimento de sua própria paisagem afetiva. Como aponta Olival (2002, p. 190), os textos de José Mendonça Teles “são a simbiose de crônicas documentárias e líricas” - para a autora, somente um cronista literato atento e inspirado teria a habilidade de registrar “para o futuro traços de cultura que ficam, na memória histórica, o esteio da autenticidade de uma região”.

Quando afirma: “Não sei se é porque nasci em Hidrolândia [...] Em toda a minha existência há sempre um monjolo gemendo magoado” (Teles, 1982, p. 127), o autor desvela a persistência das memórias de uma infância/juventude ancorada em sua origem rural, lembranças estas que funcionam como núcleo fundante de sua escrita, pois dizem da sua natureza e perpassam todo o seu estar no mundo. A imagem do “monjolo magoado” traduz a própria condição do sujeito urbano em Teles, dividido entre o progresso inevitável e a saudade de um tempo inalcançável. Essa memória insistente e repetitiva, tal qual o movimento do monjolo, representa também o gesto da crônica, nas entrelinhas de “Setembro nos reúne” estão o vai e vem entre lembrança e perda, entre o vivido e o esquecido, um mecanismo de busca da cidade que ainda pulsa dentro da palavra.

Assim, a Goiânia de Teles revela o contínuo confronto entre tradição e modernidade, a cidade provinciana e a cidade do progresso. Portanto, o autor faz o que diz Pesavento então “narrativas do passado que presentificam uma ausência, reconfigurando uma temporalidade



escoada” (2008, p. 4). A obra assume, dessa forma, a tarefa de preservar esse tempo de ontem, anunciando uma capital que ainda vive, embora fragmentada, no âmbito do simbólico e nos acervos mnemônicos de seus habitantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise das crônicas foi possível sistematizar um conjunto de categorias que agrupam diferentes dimensões da cidade na escrita de José Mendonça Teles. Destaca-se, primeiramente, a cidade-memória, que emerge como território afetivo e espaço de resistência ao esquecimento. As crônicas operam como registros de lembranças que, apesar de individuais, tomam um sentido coletivo, uma vez que projetam a experiência pessoal do escritor acerca de um imaginário citadino em contínua transformação. Ao tematizar em sua narrativa espaços como a antiga Igreja de Campinas, o Café Central ou a Praça Cívica, Teles concretiza o esforço de preservar fragmentos de uma Goiânia que existe apenas no acervo mnemônico de quem a experienciou.

Em outro plano, manifesta-se a cidade-em-travessia, a escrita enfatiza o entre-lugar: a capital de Goiás que é atravessada por passado, presente e futuro, marcada pela tensão entre modernização e perda de identidade. O cronista assiste com pesar a descaracterização da cidade, a substituição de espaços tradicionais e recobertos de afeto por novas construções, o que somado ao distanciamento das relações humanas conferem o tom melancólico da obra. Em passagens como a descrição da pequena igreja que foi derrubada ou “a cidade cresceu, massificou-se” (Teles, 1982, p. 60), Teles expõe a ruptura entre o tempo da memória e o tempo do progresso.

Por fim, delinea-se a cidade-imaginada, dimensão em que o real e o extraordinário se tornam um amálgama. A Goiânia de Teles é também uma cidade que se sonha e se recorda, tem a sua mística. Quando o autor menciona “os passos de duendes pelas ruas da memória” (Teles, 1982, p. 73) ou evoca o “monjolo gemendo magoado” (Teles, 1982, p. 127), ele não apenas traz o invisível para o centro ou humaniza o objeto, trata-se da elaboração de uma topografia literária na qual a experiência urbana mimetiza-se em metáfora da própria condição humana. O espaço urbano rompe a superficialidade do cenário e se traduz em linguagem, em extensão do sujeito que o habita.

Em conjunto, essas três dimensões (cidade-memória, cidade-em-travessia e a cidade-imaginada) integram uma cartografia literária e afetiva de Goiânia. O livro revela uma urbe viva, na qual o espaço, a história e o afeto se entrelaçam na tessitura da linguagem. A crônica,



ao registrar o banal, alça o cotidiano a um estatuto de permanência e reafirma o poder da literatura de guardar o que o tempo tende a dissolver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prosa cronística de José Mendonça Teles, que dá corpo ao seu “Setembro nos reúne”, configura uma expressão sensível da relação entre literatura e cidade. A análise desenvolvida neste trabalho possibilitou a compreensão de que, ao narrar Goiânia, o escritor constrói mais do que um registro histórico ou memorialístico, realiza a proeza de materializar um imaginário urbano de Goiânia. Sua escrita restitui à cidade uma dimensão humana, emocional e poética, resistindo à homogeneização imposta pelo discurso do progresso.

Sob a ótica de Teles, simultaneamente nostálgica e crítica, desvela-se ao leitor o impacto das transformações urbanas sobre o sujeito contemporâneo e sobre o próprio sentimento de pertencimento. Ao lamentar o desaparecimento das antigas igrejas, praças e personagens da cidade, o cronista reivindica um retorno àquilo que Pesavento (2008, p. 6) chama de “camadas visíveis e invisíveis, resultantes dos diversos modos de viver e significar o urbano”. Assim, suas crônicas cumprem o papel de lugares de memória, nos quais o tempo passado se reatualiza pela força da narrativa.

A partir dessa leitura, evidencia-se que a crônica é um gênero privilegiado para pensar a cidade, pois transforma o efêmero em permanência e o cotidiano em documento sensível. Na obra, o espaço urbano é reconstituído como uma trama de lembranças e significados, uma Goiânia que, embora modificada, persiste viva na palavra e no imaginário coletivo. A literatura, portanto, emerge como uma forma de resistência e preservação, não apenas da cidade material, mas da cidade sentida. Ao fim, permanece a constatação de que toda cidade se escreve (e se inscreve em seus habitantes), em Teles, Goiânia é escrita com uma pena que transborda saudade: das ruas, bares, igrejas, casinhas, amigos, estrelas, sonhos, infância - eternizada sob a tinta da memória.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés-do-chão**. In: SETOR de filologia da FCRB (Org.). A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Unicamp, 1992. p. 13-22.

GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.



ENANPEGE

XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e
Pesquisa em Geografia

LIMA, Angelita; CHAVEIRO, Eguimar Felício. Livros nas Prateleiras, Verbos no Chão: Aproximações entre Geografia, Literatura e Existência. In: CHAVEIRO, Eguimar Felício; CASTORINO, Ademir Batista; BORGES, Rosana Maria Ribeiro (org). **Espaço, Sujeito e Existência**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2016. p. 51-67.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. **A crônica de Mário de Andrade: impressões que historiam**. In: SETOR de filologia da FCRB (Org.). A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Unicamp, 1992. p. 165-188.

MELLO, Márcia Metran. **Goiânia: cidade de pedras e de palavras**. Goiânia: Editora da UFG, 2006.

OLIVAL, Moema de Castro e Silva. **O espaço da Crítica II - A Crônica: Dimensão Literária e Implicações Dialéticas (Ensaio)**. Goiânia, IGL: AGEPEL, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O espetáculo da rua**. 2ª ed. Porto Alegre: ED. Universidade/UFRGS, 1996.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto**. **Esboços**, Florianópolis, vol. 11, n. 11, 2004, p. 25-30.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História, memória e centralidade urbana**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Paris, 2008.

ROLNIK, Raquel. **O que é a cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

TELES, José Mendonça. **Setembro nos Reúne**. Goiânia, Oriente, 1982.

TELES, José Mendonça. **Crônicas de Goiânia**. Goiânia. Kelps. 1998.

TELES, José Mendonça. 3ª ed. **Crônicas da Campininha**. Goiânia: Kelps, 2010.